

Simone Meucci

Unicamp

O falecimento de Octávio Ianni, no último 04 de abril, deixou de luto as Ciências Sociais no Brasil. Sua morte surpreendeu amigos, colegas e alunos. Embora soubéssemos que estava em tratamento de saúde, sua disposição para cumprir seus compromissos didáticos e científicos era notável.

Fomos, afinal, enganados: sua paixão pelo trabalho escondeu a gravidade da doença que o vitimou. Não obstante, esta sua entrega ao ofício de professor e pesquisador nos permitiu estar próximos dele até o final. Deixou seu curso de *Teoria Sociológica* – oferecido aos pós-graduandos de Ciências Sociais da Unicamp e iniciado um mês antes – inacabado. Deixou também dois livros em fase de conclusão.

Na memória de todos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade ficará o registro de sua imagem discreta percorrendo os caminhos do *campus*: vestia invariavelmente camisa branca e calça cinza e, nas mãos, sempre segurava uma pequena pasta de papelão onde guardava poucos papéis que gostava de folhear.

Para seus alunos, ficarão, principalmente, lembranças de suas aulas. Durante cerca de duas horas, a cada encontro semanal, Ianni apresentava, indagava e criticava teorias, conceitos e métodos das Ciências Sociais. Eram encantadoras suas palavras, metáforas e ironias. Por meio delas, conseguia despertar em nós empolgação não apenas pelos livros e autores que discutíamos, mas também pela vida social, pela época em que vivíamos, pelo tema que estudávamos. Não fazia isso, porém, sem despertar incômodas questões: pequenas e grandes dúvidas que ele dizia ser necessário cultivar. Não queria que nos abrigássemos

em soluções confortáveis. Por isso, questionava, provocava, enlouquecia aqueles que se refugiavam no senso-comum sociológico.

Combatia a melancolia pelo passado e pelo futuro. Invalidava qualquer romantismo ingênuo. Parecia querer dizer que a magia do mundo estava na sua complexidade.

Para seus alunos, era fascinante o modo como ele era capaz de conciliar amor e crítica pelo mundo. Aos nossos olhos, ele parecia, na verdade, paradoxal. Comportava-se como uma espécie de monge no andar, no vestir e noutras manifestações de seu comportamento quase missionário de desejar despertar 'vocações científicas'. Falava como sacerdote para, ao invés de pregar dogmas, semear dúvidas. Ou, melhor dizendo, era com tom sacerdotal que cultivava nossos *demônios*. Despertava igualmente encantamento e negação pelas coisas da sociedade.

Nesta pequena homenagem desejo, pois, ressaltar um aspecto que me parece fundamental na sua trajetória de cientista social e que está igualmente impresso na sua obra e atitudes. A rigor, este aspecto diz respeito a um certo modo de *fazer Ciências Sociais* que Ianni procurava preservar e que é, certamente, um dos seus maiores legados como professor e pesquisador.

Para isso, recorro à lembrança da última vez em que conversamos. Foi um diálogo por telefone, cerca de um mês antes de sua morte. Sempre dedicado a aconselhar seus alunos, dizia-me, com voz e paciência de sacerdote, ser necessário relacionar os mais sutis e corriqueiros fenômenos da vida social aos processos estruturais amplos.

Com efeito, na obra deixada por Ianni, observa-se um cuidado para '*olhar simultaneamente a árvore e a floresta*'. A diversidade de temas que foram alvo de sua investigação testemunha uma longa trajetória que, não obstante, mantém consistentemente uma perspectiva sociológica na qual *todo e parte* se vinculam.

Entretanto, é importante que se diga: para ele, esta vinculação não se realiza de modo subordinado, mas dialeticamente. Pois ele dizia que algumas transformações, preparadas pouco a pouco na fina trama das relações sociais, por vezes surpreendiam a totalidade. Noutras vezes, entretanto, diagnosticava que transformações, paradoxalmente, não são senão uma forma de manter e conservar a estrutura ampla.

De todo modo, para Ianni a história da sociedade humana parece conter possibilidades surpreendentes de transformação ou de conservação. E é aí que se inscreve a paixão e a entrega do pesquisador social que está, afinal, diante de um objeto fascinante.

Nos limites deste pequeno 'artigo de *réquiem*' quero chamar particularmente a atenção para dois textos que são testemunhos deste sofisticado olhar sociológico para o qual, nós pesquisadores, jovens ou maduros, temos que ficar atentos: *As Metamorfoses do Escravo* (1961) e *Dialética das Relações Raciais* (2003).

Note-se que os textos referem-se a períodos muito distintos de sua trajetória. Mais de quatro décadas os separam. O primeiro refere-se aos resultados de sua tese de doutorado defendida no início da década de 60¹. O segundo é um de seus últimos escritos, preparado para uma mesa especial do XXVII Encontro da ANPOCS, a propósito da comemoração dos 50 anos do Projeto Unesco no Brasil².

O primeiro, um livro de quase trezentas páginas, formal como a tese que lhe deu origem e indelevelmente marcado pelos rigorosos cânones sociológicos da época em que a sociologia se consolidava no campo acadêmico. O segundo, um texto breve. Pouco menos de catorze páginas, nas quais o autor percorre igualmente – em frases rimadas e ritmadas, literariamente imaginadas e calculadas – poesias, tratados filosóficos e científicos.

Ambos, a despeito da distância temporal e da natureza distinta que os separam, têm como tema comum o problema racial. O objetivo da discussão na mesa da ANPOCS exigia uma revisita ao tema. Portanto, nas páginas do texto mais recente, Ianni atualiza e redefine o problema antigo; ao mesmo tempo em que reafirma seu olhar sociológico esboçado já com traço firme em seu doutoramento.

Pois bem: vamos a cada um dos textos. *As Metamorfoses do Escravo* é um livro que trata da questão do negro na região de Curitiba. Visa compreender, sobretudo, a posição social do negro no contexto da desagregação da economia escravista. Nas suas páginas, Ianni nos apresenta a história da cidade desde a *origem da comunidade* e cada um de seus ‘ciclos’ econômicos até as primeiras décadas do século XX.

Consultando vasto material de pesquisa (que compreende textos legais, termos de vereança, notícias de jornais, relatórios de presidentes provinciais, provimentos de ouvidores e dados censitários), o autor procura demonstrar que o regime escravocrata foi em Curitiba uma instituição básica até, pelo menos, a segunda metade do século XIX. Ou seja, segundo sua constatação, a escravidão ofereceu, por um longo período, não apenas os fundamentos para a estruturação produtiva daquela sociedade, mas também para sua configuração agrária, política e étnica. Fundamentou ainda os processos de socialização que se manifestavam na etiqueta e no lazer, por exemplo.

A pesquisa com a qual Ianni rigorosamente ingressa na vida acadêmica, embora passível de inúmeras críticas, já demonstra o refinamento no uso da perspectiva dialética aplicada à investigação de fenômenos sociais. Procura aprofundar-se nos detalhes das fontes que consulta. Surpreende, em anúncios de jornais, mensagens subliminares. Identifica em manifestos abolicionistas argumentos a favor da libertação dos negros que, no entanto, servem igualmente para consolidação do estigma racial. Constata que a mesma lei que ‘liberta’ o escravo em processos de manumissão, também lhe imprime, como ferro em brasa na pele, a condição de semi-escravo, semi-liberto, semi-homem.

Consegue identificar, em pequenos testemunhos, as contradições – e suas compensações psicossociais igualmente contraditórias – não apenas das relações entre senhores e escravos, mas entre estes e agregados, indígenas (administrados ou livres), brancos livres (profissionais liberais, artesãos ou pequenos agricultores) e mestiços mulatos ou caboclos. Discute, ainda, as ambíguas relações entre pequenas famílias nucleares e extensas famílias patriarcais com a instituição da escravidão.

Na Curitiba do período escravocrata que está descrita nas páginas de Ianni, verificamos aspectos paradoxais dessas relações que são administradas de modo tenso pela sociedade, dentro das possibilidades que a estrutura social e a conjuntura histórica de cada momento permitem aos diferentes grupos que a compõem.

Ianni discute, sobretudo, as diversas formas de controle social dos senhores em relação aos escravos e suas repercussões no conjunto da sociedade. Fica atento aos diferentes níveis de graduação destas formas de controle e seus diversos resultados, por vezes ambíguos: desde as grandes imolações públicas, as pequenas concessões estratégicas até a proteção paternal.

Discute, também, as poucas estratégias ao alcance dos negros para sobreviver no ambiente da escravidão e, no limite, alcançar mobilidade social dentro do rígido sistema de castas.

A constituição de vínculos afetivos e/ou sexuais com os senhores era, por vezes, um desses recursos à disposição dos cativos. Em particular, o intercurso sexual entre escrava e senhor, teve resultados que Ianni parece considerar importantes. Produziam, para ele, efeitos tão dinâmicos que, por vezes, chegam escapar à compreensão. Afinal, desta relação, conclui, resulta o mulato cujo hibridismo denuncia as ambigüidades do regime. O mulato implica a negação da condição escrava, é produto dialético, consequência da interação dos extremos assimétricos da ordem vigente.

Outra possibilidade de limitada ascensão social que restava aos negros – igualmente paradoxal e significativa da sofisticada forma de dominação instituída entre nós – era alcançar a posição de capitão do mato ou capataz e, assim, revestir-se do poder do senhor para perseguir escravos fugidos e para instituir, com violência, a disciplina no trabalho. Ocupar uma posição social que se opunha à do negro escravo era, pois, também um modo de branquear-se, ainda que não biologicamente.

Neste contexto, o fenômeno da abolição é compreendido por Ianni como um *processo social* lento e complexo. Diz respeito a um movimento amplo relacionado às transformações da economia mundial e que repercute na sociedade brasileira: dela exige a complicada substituição do sistema de castas pelo sistema de classes sociais.

Mas, para ele, a abolição é, também, ao mesmo tempo, efeito das próprias ambigüidades internas ao sistema e que se formam e conformam na rica teia das relações sociais.

Ianni procura, então, mostrar os diversos níveis em que a abolição se manifesta. Na legislação nacional que vai, vagarosamente (lembremos das leis que instituíram a libertação dos sexagenários, dos nascituros e a extinção do tráfico), anunciando a libertação definitiva e contribuindo para formar uma consciência acerca da injustiça da escravidão. Manifesta-se, também, nas revoltas, fugas, homicídios e suicídios de escravos (que em Curitiba, como no Brasil, são mais intensos no século XIX). Expressa-se, ainda, nas mais ou menos difusas, discretas ou evidentes correntes de opiniões favoráveis à libertação dos negros e nos tardios movimentos abolicionistas organizados na cidade.

A dignificação do trabalho, a cristianização e a humanização do negro são, também, dois aspectos igualmente importantes no processo de substituição do trabalho cativo pelo livre. São operações complexas que se realizam no nível das consciências e exigem uma transformação radical em todo o imaginário da população. Dizem, afinal, respeito à admissão da mobilidade social e a alterações nas avaliações de posição e *status* dos indivíduos. Neste sentido, a transformação em curso exige mudança nas técnicas de controle e socialização, antes fundamentadas na escravidão.

Com efeito, Ianni observa um paulatino ‘desaparecimento’ do negro em Curitiba, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX. As especificidades da cultura e extração do mate (que passara a exigir mudanças tecnológicas e maior racionalização da produção) e os efeitos previstos e imprevistos da colonização européia vão, pouco a pouco, causando transformações na configuração étnica, na divisão do trabalho e no cosmos cultural da região.

Constata, por um lado, um intenso fenômeno do ‘branqueamento’ da população curitibana. Neste caso, a colonização européia (a rigor motivada pela falta de braços para a agricultura), desempenhou papel crucial. Os dados colhidos por Ianni são significativos: no ano de 1872 cerca de 55% da população curitibana é branca; ao passo que em 1890 (apenas 12 anos depois), esse número sobe para 64%.

Além do ‘branqueamento’ – comemorado pelos presidentes da província – há, por outro lado, o desaparecimento do escravo nos trabalhos um pouco mais qualificados. Ianni observa que até mesmo o trabalho doméstico, que sempre fora desempenhado por cativos, passa, pouco a pouco, a ser executado por filhas de colonos poloneses, alemães e italianos: os anúncios de jornais deixam evidente a preferência pelas européias e suas descendentes.

Juntamente com o ‘branqueamento’ da população e a marginalização do negro (praticamente deposto

da atividade produtiva), Ianni constata o que ele denomina de *metamorfose do escravo em negro e mulato*. É quando, no contexto da constituição da sociedade de classes, a cor e suas graduações passam a se tornar marcas decisivas limitando ou possibilitando a ascensão social. A ideologia racial branca (que, na época, ganha *status* científico) vai então construindo classificações e categorias novas, relativas aos não-brancos.

Esse é, pois, um momento decisivo nesta transição na qual os brancos, que não possuem mais o *status* jurídico capaz de fixar a distância social, reelaboram remanescentes do antigo regime (marcas raciais, atributos materiais, psico-motores e mentais) a fim de demarcar o universo do ‘nós’ e os ‘outros’, diferenciando brancos e negros. Cria-se a convicção de que o mundo mental e moral dos negros é diferente do branco e de que ambos participam de culturas diversas, uma das quais inferior.

Há também um componente psicossocial nesse processo que não escapa ao olhar atento de Ianni. O fato de que, no fecho da escravidão, o branco projetará sobre o negro e seus descendentes a responsabilidade pelos esforços para o ajustamento da força de trabalho (Ianni 1988:161). Nesse caso, o preço que se cobrará do negro será expresso em atitudes, avaliações negativas, estereótipos que se destinam a mantê-lo tolhido em seus movimentos e afastado dos círculos de convivência social dominados pelos brancos.

Em *A Dialética das Relações Raciais* (2003), como já sugerimos anteriormente, Ianni revisita, reatualiza e ‘globaliza’ a questão racial. A rigor, nestas páginas, ele chama a atenção dos pesquisadores para as novas formas que assume o racismo no mundo atual. Parece nos convidar para nos debruçarmos sobre o fascinante tema das relações raciais.

Para Ianni, afinal, as relações raciais são sempre muito reveladoras do funcionamento das sociedades. Seu estudo permite a compreensão do modo como se produz identidade e alteridade, diversidade e desigualdade, dominação e alienação em cada sociedade. No limite, diz que especialmente a história do mundo moderno é também a história da questão racial, um de seus dilemas fundamentais.

E ainda que de modo ensaístico, lança a hipótese de que na sociedade contemporânea está *em curso um novo processo de racialização* que se anuncia como um ‘choque de civilizações’ e que promove formas de classificação de povos, nações, nacionalidades e etnias. Um dos testemunhos exemplares desse fenômeno, segundo Ianni, é o livro de Huntington – *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial* – em que o autor organiza um mapa do mundo e dos povos em conformidade com a geopolítica norte-americana.

É então que sugere aos pesquisadores sociais que reflitam acerca dos *enigmas* escondidos na questão racial e que se manifesta em xenofobias, etnicismos, intolerâncias, preconceitos, segregações e racismos diversos. Ianni então sugere temas de reflexão aos novos pesquisadores. Como de hábito, cultivava questões pertinentes e inspiradoras.

Um dos enigmas a ser desvendado, diz ele, é o modo como se manifesta nas relações sociais e políticas a *metamorfose de etnia em raça*. Parte desse processo compreende a transformação de *traços fenotípicos em estigma*. É quando, explica Ianni, algum signo, emblema ou estereótipo assinala, descreve, delimita e subordina o ‘outro’. Isto se manifesta nas relações sociais cotidianas, nos locais de trabalho, de estudo ou entretenimento. Mas também se expressa nas mutilações, no bloqueio de relações e possibilidades de participação.

Outro enigma a ser decifrado é como se produzem – ao mesmo tempo em que é produzido o alvo do preconceito – personalidades democráticas e intolerantes e como estas sintetizam, dinamizam e expressam a intolerância. E também como o marginalizado, o estigmatizado desenvolve a sua consciência social, em geral arguta, incômoda, diferente e surpreendente. Afinal, o estigmatizado igualmente elabora e reelabora a sua identidade na dinâmica das relações.

Os processos de *racialização*, prossegue Ianni, também exigem a compreensão da *ideologia racial*, que é o modo como indivíduos e coletividades ‘explicam’, ‘justificam’, ‘racionalizam’, ‘naturalizam’ desigualdades, tensões e conflitos sociais. Trata-se da mobilização de símbolos, signos e estereótipos utilizados ao acaso das situações e assim elaborados por anos, décadas ou séculos.

Ianni afirma ainda que, no limite, a questão racial pode ser vista como uma expressão e como um desenvolvimento do que tem sido a *dialética escravo/senhor* no curso da história do mundo moderno. O ângulo dialético, prossegue, é crucial e fecundo porque revela como indivíduos e coletividades relacionam-se, integram-se, tensionam-se no jogo das forças sociais.

Note-se que ambos os textos chamam a atenção do leitor para os sutis processos das relações sociais (neste caso, especificamente das relações raciais), seus antagonismos reveladores e suas surpreendentes metamorfoses, realizadas ou realizáveis.

Eis aí a perspectiva sociológica de Octavio Ianni para a qual, nesta homenagem, desejo chamar a atenção e que, no dia-a-dia de nossa atividade de docência ou pesquisa, por vezes, esquecemos de cultivar. Trata-se de um olhar *dialético* sobre a sociedade. Neste olhar, que não é senão um modo de produzir conhecimento nas Ciências Sociais, a compreensão não passa pela explicação simplificadora dos processos, mas pela revelação de seus paradoxos e ambigüidades.

Simone Meucci é doutoranda em Sociologia na Unicamp. Durante os anos de 1997 e 2000 foi orientanda de Octavio Ianni no Mestrado em Sociologia/IFCH/UNICAMP

BIBLIOGRAFIA DE OCTAVIO IANNI (1926-2004)

- . *Cor em mobilidade social em Florianópolis* (em colaboração) (1960)
- . *Homem e sociedade* (em colaboração) (1961)
- . *Metamorfose do escravo* (1962)
- . *Industrialização e desenvolvimento social no Brasil* (1963)
- . *Estado e Capitalismo* (1965)
- . *Política e revolução social no Brasil* (1965)
- . *Raças e classes sociais no Brasil* (1966)
- . *O colapso do populismo no Brasil* (1968)
- . *Estado e planejamento econômico* (1971)
- . *Sociologia da sociologia latino-americana* (1971)
- . *Teorias da estratificação social* (1973)
- . *Diplomacia e imperialismo na América-Latina* (1973)
- . *Imperialismo na América-Latina* (1974)
- . *A formação do estado populista na América Latina* (1975)
- . *Sociologia e sociedade no Brasil* (1975)
- . *Imperialismo e cultura* (1976)
- . *Escravidão e capitalismo* (1976)
- . *Escravidão e racismo* (1978)
- . *A luta pela terra: história social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia* (1979)
- . *Colonização e contra-reforma agrária na Amazônia* (1979)
- . *O ABC da classe operária* (1980)
- . *A ditadura do grande capital* (1981)
- . *Dialética e capitalismo: ensaio sobre o pensamento de Marx* (1982)
- . *Revolução e cultura* (1983)
- . *O ciclo da revolução burguesa* (1984)
- . *Origens agrárias do Estado brasileiro* (1984)
- . *Classe e nação* (1986)
- . *A sociologia e o mundo moderno* (1988)
- . *Sociologia da sociologia* (1989)
- . *A idéia de América-Latina* (1990)
- . *Ensaios sobre a sociologia da cultura* (1991)
- . *A sociedade global* (1992)
- . *A idéia de Brasil moderno* (1994)
- . *A sociedade global* (1992)
- . *Labirinto latino-americano* (1993)
- . *A era do globalismo* (1996)
- . *Teorias da globalização* (1996)
- . *Enigmas da modernidade-mundo* (2000)
- . *A globalização e o retorno da questão nacional* (2000)
- . *Capitalismo, violência e terrorismo* (2004)

NOTAS

- 1 A pesquisa foi realizada originalmente para apresentação no concurso de doutoramento em Ciências, para a cadeira de Sociologia I, da FFLCH/USP. A banca de examinadores foi composta por Florestan Fernandes (orientador), Caio Prado Júnior, José Loureiro Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda e Thalles de Azevedo.
- 2 As *Metamorfozes do Escravo* é, com efeito, resultado de um projeto coletivo, encomendado pela Unesco, e dedicado a investigar as relações raciais no Brasil. Na parte meridional do Brasil (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), as pesquisas foram desenvolvidas sob orientação de Florestan Fernandes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUNTINGTON, Samuel P. 1997. *O choque das civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva.

IANNI, Octavio. 1988. *As Metamorfose do Escravo*. 2^a edição. São Paulo: Hucitec Curitiba: Scientia et Labor.

_____. 2003. *A Dialética das Relações Raciais*. Digitalizado. Disponível em: www.antropologia.com.br.